

---

# Bibliotecas Universitárias Portuguesas: Problemas, Perspectivas

GRUPO DE TRABALHO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS DA BAD

Ana Gonçalves; Emília Araújo; Emília Mariano; Isabel Faria;

Lourdes Gouveia; Margarida Vargues; Maria Leal Vieira

**N**O morno panorama das bibliotecas em Portugal há uma modalidade que se destaca em termos de desenvolvimento e de utilização: as bibliotecas universitárias.

É notório o papel por elas desempenhado no auxílio ao ensino e à investigação científica no nosso país e como suporte da moderna pedagogia e das reformas que têm pretendido levar-se a cabo nos últimos anos. Esta alteração de funções implica uma maior agilidade e flexibilidade das bibliotecas universitárias em relação à instituição em que se inserem. No entanto, se é certo que desta circunstância lhe têm advindo exigências, cada vez maiores, nem por isso lhe têm sido dados, na maior parte dos casos, meios para que ocupem o lugar que, numa tal condição lhes é devido.

André Miquel apela para a necessidade de uma política prioritária, que reconheça à biblioteca universitária o carácter de «centro nervoso» da própria Universidade, lutando contra a falta de «visibilidade institucional» que as BUS são relegadas.

Sendo a Biblioteca o espelho, a imagem da própria Universidade, enquanto reflecte a visão que a Universidade tem de si mesma, é no mínimo estranho a pouca consciência que a maioria das Universidades tem do papel das suas Bibliotecas...

Historicamente, a maior parte das bibliotecas universitárias portuguesas formou-se a partir de uma única unidade, que posteriormente se desdobrou em bibliotecas departamentais, e/ou sectoriais sendo hoje algumas delas já uma estrutura de coordenação centralizada. Apesar de se tratar de bibliotecas que se inse-

rem na mesma tipologia, o seu esquema organizacional é muito diferente de universidade para universidade. Distinguem-se, por um lado, as das universidades mais antigas, que estão em geral organizadas segundo um esquema tradicional e, por outro, as das universidades de criação mais recente (Açores, Algarve, Aveiro, Beira Interior, Évora, Madeira e Trás-os-Montes e Alto Douro) de concepção mais moderna, que assentam num núcleo — os Serviços de Documentação da Universidade — que, em algumas, se diversifica depois em tantas bibliotecas departamentais quantas as julgadas convenientes. Quer num caso, quer noutra, a maioria organiza-se com base numa concepção de descentralização coordenada.

**No morno panorama das bibliotecas em Portugal há uma modalidade que se destaca em termos de desenvolvimento e de utilização: as bibliotecas universitárias.**

**É notório o papel por elas desempenhado no auxílio ao ensino e à investigação científica no nosso país e como suporte da moderna pedagogia e das reformas que têm pretendido levar-se a cabo nos últimos anos.**

As bibliotecas das universidades portuguesas mais modernas são de

criação *ex nihilo*, daí que se tenham formado progressivamente e adquirido características próprias, que se têm definido à medida que elas vão progredindo. Essas bibliotecas constituíram-se pouco a pouco, ao ritmo das universidades e o crescimento de algumas poderá dizer-se ter sido feito em flecha, enquanto o de outras foi muito menos significativo.

De uma forma geral, estruturas organizativas obsoletas contribuem para que as bibliotecas universitárias vivam um momento crítico perante o grande desafio que se lhes depara.

Nunca é de mais evidenciar que a biblioteca universitária constitui um recurso que proporciona um valor acrescentado, como parte integrante que é, de todo o processo de ensino e investigação, que é o objectivo último da universidade.

## Problemas

Julgamos ser do conhecimento de quantos trabalham neste tipo de instituições o teor do documento *Bibliotecas Universitárias: alicerces para uma estrutura de cooperação*, preparado pelos elementos do Grupo de Trabalho das Bibliotecas Universitárias da BAD, discutido pelos 112 bibliotecários que estiveram presentes nas 8.<sup>as</sup> Jornadas das Bibliotecas Universitárias Públicas e enviado ao Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas em 6 de Julho de 1992. Nesse documento apresentava-se a

realidade objectiva, fundamentada em números, divulgava-se a complexidade das estruturas informativas, referia-se a premência de uma alteração radical na política dos órgãos de gestão a vários níveis, no sentido do que fosse possível uma maior intervenção das bibliotecas universitárias no seio da comunidade que servem e faziam-se propostas concretas para solucionar os problemas.

As Bibliotecas Universitárias sofrem de males crónicos facilmente identificáveis\*:

- limitação de verbas
- inadequação de instalações
- insuficiência de equipamento adequado
- escassez de pessoal qualificado
- práticas incipientes de cooperação
- ausência de formação de utilizadores.

Mau grado a evolução verificada, uma análise diacrónica permite constatar que os problemas existentes na década de 70 persistem nos anos 90, e poderá mesmo afirmar-se que não se adivinham soluções imediatas para eles, arriscando-se um prognóstico algo negativo, caso se mantenha a mesma atitude institucional.

Reconheçamos que em alguns aspectos houve uma sensível melhoria nas bibliotecas universitárias

portuguesas nas últimas décadas. A automatização de funções era praticamente inexistente na década de 70. Em meados de 80 deu os primeiros passos e hoje é já uma realidade em diversas instituições, como provam os dados apresentados em *LIB2 UPDATE*<sup>1</sup>. Não sendo, todavia, ainda a concretização de um projecto concertado, esses primeiros contactos com a informatização resultaram sobretudo da divulgação do Programa Mini-micro CDS/ISIS pela Biblioteca Nacional, e as primeiras tentativas de cooperação foram lançadas com a criação da PORBASE.

**Historicamente, a maior parte das bibliotecas universitárias portuguesas formou-se a partir de uma única unidade, que posteriormente se desdobrou em bibliotecas departamentais, e/ou sectoriais sendo hoje algumas delas já uma estrutura de coordenação centralizada. Apesar de se tratar de bibliotecas que se inserem na mesma tipologia, o seu esquema organizacional é muito diferente de universidade para universidade.**

Uma total abertura de espírito da parte dos bibliotecários ficou patente na participação maciça em jornadas, acções de formação e reuniões profissionais.

A partir desta data, além da cooperação com a Base Nacional de

\* Ver gráficos em anexo.

Dados Bibliográficos, e, em simultâneo com ela, a maior parte das bibliotecas universitárias criou a sua própria base de dados passando a dispôr do processamento bibliográfico e da pesquisa em suporte informático.

Centralizaram-se também algumas tarefas. Essa centralização verificou-se sobretudo com os serviços de aquisição de publicações em série e de monografias e respectivo tratamento técnico. Estas operações passaram a ser feitas nos Serviços de Documentação das Universidades de criação mais recente e nas Bibliotecas Centrais, nas Faculdades em que existem bibliotecas centrais e departamentais interligadas. A introdução de novas tecnologias teve um enorme impacto na realização destas operações tornando o trabalho mais fácil e rápido, e menos oneroso.

A informatização trouxe consigo também a catalogação cooperativa e, com ela, a necessidade de normalizar, de enfrentar dificuldades e de encontrar soluções em comum partilhando recursos, o que implicou um grande esforço do pessoal aos mais diversos níveis.

Apesar dos avanços verificados, as novas tecnologias ainda não transformaram, de forma considerável, os serviços prestados aos utilizadores, embora tenham modificado um pouco o trabalho dos técnicos. Isso verificou-se especialmente a nível da catalogação, criação de catálogos colectivos, troca de registos, pesquisa

documental informatizada em catálogos próprios e em bases de dados nacionais e internacionais. Na década em curso assistiu-se também a uma considerável melhoria dos serviços de referência com o recurso à pesquisa bibliográfica em CD-ROM e em linha, que são já prática comum em algumas das bibliotecas.

**Nunca é de mais evidenciar que a biblioteca universitária constitui um recurso que proporciona um valor acrescentado, como parte integrante que é, de todo o processo de ensino e investigação, que é o objectivo último da universidade.**

Como forma de ir ao encontro e de dar continuidade a esta melhoria dos serviços a prestar aos utilizadores, haveria grande vantagem na existência de canais de empréstimo eficazes; o empréstimo interbibliotecas não é ainda praticado de uma forma imediata e satisfatória e assenta num relacionamento inter-institucional informal; a sua exploração terá de ser melhorada até ao ponto em que ele passe a ser uma rotina prioritária e não uma actividade esporádica e excepcional.

### **Perspectivas**

As mutações sociais, económicas e tecnológicas deste século repercu-

tem-se nas características e comportamentos dos utilizadores, na quantidade de informação que gerimos e na qualidade dos serviços que esperamos que prestemos.

O desenvolvimento tecnológico, o crescimento da indústria da informação, com o aparecimento de novos produtos — a disseminação dos produtos existentes, estão dependentes da formação de um mercado de informação, e do desenvolvimento de consumidores da informação. A questão central é, por isso, «a formação de utilizadores» e a «formação de profissionais da informação» capazes não só de alimentarem essa indústria mas também de, face a uma indústria agressiva e a um mercado emergente, que se rege pelas regras normais da concorrência económica, reconhecerem os produtos que satisfazem, de facto, as práticas reais e independentes de consumo da informação.

**Mau grado a evolução verificada, uma análise diacrónica permite constatar que os problemas existentes na década de 70 persistem nos anos 90, e poderá mesmo afirmar-se que não se adivinham soluções imediatas para eles, arriscando-se um prognóstico algo negativo, caso se mantenha a mesma atitude institucional.**

A dificuldade em conciliar, por um lado, o princípio da não exausti-

vidade dos fundos, com, por outro, o objectivo da prestação da informação — qualquer que seja o estado em que se encontra — passa pela consagração de alguns pontos que julgamos essenciais.

#### *Alteração de mentalidade e estatuto profissional*

A melhoria dos serviços, quer no que respeita aos aspectos técnicos, quer aos do fornecimento da informação depende da criação de um novo sentido de responsabilidade dos profissionais das bibliotecas universitárias; exige também uma prática de formação continuada, que lhes permita acompanhar os avanços da tecnologia e passa ainda pelo reconhecimento das suas capacidades, confirmado este num estatuto profissional à altura das exigências e das competências com que os profissionais da informação se debatem no decurso da sua actividade profissional.

#### *A cooperação*

Gorman refere a etapa em que vamos entrar como a «idade de ouro da cooperação». A biblioteca virtual é fundamentalmente uma partilha de recursos. Partilha tornada possível pela tecnologia disponível e pelos imperativos económicos, que obriguem a uma racionalização de meios

humanos, técnicos e financeiros. Mas cooperar como se sabe não é fácil. Exige uma mudança nas atitudes dos utilizadores e dos profissionais da informação; exige a normalização nos procedimentos e implica facilidades de comunicação alicerçadas, acima de tudo, numa abertura a concessões mútuas.

#### *As medidas de política*

O desenvolvimento das bibliotecas universitárias assente nos parâmetros até agora referidos não pode ser feito exclusivamente por cada bibliotecário na sua biblioteca. Obriga a decisões e investimentos que competem, sem dúvida, também ao poder central. No entanto, não existe actualmente em Portugal nenhum organismo de coordenação, planificação ou incentivo ao desenvolvimento das bibliotecas universitárias. Poderemos afirmar que tudo o que por ventura já se tenha conseguido o foi à revelia de qualquer interesse superiormente manifestado, e ousamos até confessar, apesar do completo desinteresse que os órgãos de poder têm manifestado por esta questão.

#### **Conclusão**

Planear o desenvolvimento das bibliotecas universitárias implica o aprofundamento da questão das

novas tecnologias no futuro das bibliotecas. Projectar a construção de novos edifícios, ou a adaptação de antigos, a aquisição de equipamento informático, a implementação de redes, não podem ser actividades avulsas, pese embora a autonomia de que cada universidade legalmente beneficia.

**Apesar dos avanços verificados, as novas tecnologias ainda não transformaram, de forma considerável, os serviços prestados aos utilizadores, embora tenham modificado um pouco o trabalho dos técnicos.**

Não podemos continuar a investir no futuro das bibliotecas tendo no horizonte a realidade actual, quando muito ampliada, com mais computadores, mais espaço físico e mais lugares na sala de leitura, com o paradigma dos modelos actuais. Um planeamento que se quer efectivo e de real alcance necessita de algo mais que o «apoio moral» dos órgãos competentes. Exige um enquadramento institucional não centralizador e sim orientador. Até que isso se alcance apenas se vai conseguindo que aqui e acolá aleatória e esporadicamente, à custa de muito pedir, se vá atribuindo mais um computador, mais uma impressora, mais um funcionário...

Muito se tem falado da falta de verbas, pessoal, instalações, equipa-

mento, e muito pouco de um *plano de desenvolvimento global das bibliotecas universitárias*. Muito se têm reverenciado os órgãos directivos e muito pouco se tem exigido em termos de reformas profundas das estruturas.

- Porque não soubemos ainda encontrar a estratégia adequada?
- Porque «dedicámos tempo demais à árvore esquecendo a floresta»?
- Porque nos acomodámos por demasiado tempo?
- Porque temos medo de errar?

**O desenvolvimento das bibliotecas universitárias assente nos parâmetros até agora referidos não pode ser feito exclusivamente por cada bibliotecário na sua biblioteca.**

Sigamos Michael Gorman:

«[...] for it is better to try an to fail, than not to imagine and never to try [...]»

## Notas

<sup>1</sup> ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, *Ponto da situação da aplicação das novas tecnologias de informação [...] Actualização*. — Lisboa BAD, 1991, 61, [5] p. (LIB 2).

## Bibliografia

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS

*Ponto da situação da aplicação das novas tecnologias de informação [...] Actualização*. — Lisboa, BAD, 1991, 61, [5] p. (LIB 2).

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS — Grupo de Trabalho das Bibliotecas Universitárias

*Bibliotecas Universitárias: alicerces para uma estrutura de cooperação*. Lisboa, BAD, 1992 (Documento fotocopiado).

*Bulletin des Bibliothèques de France*. Paris, 1992, 37, (2).

GORMAN, Michael

«The academic library in the year 2001: dream or nightmare or something in between?», *The Journal of Academic Librarianship*, 17 (1) 1991, p. 4-9.

MERCADANTE, Leila M. Z. (Coord.)

*Análise de modelos organizacionais de Bibliotecas Universitárias brasileiras: relatório de pesquisa*. Campinas, Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias Brasileiras, 1989.

MIQUEL, André

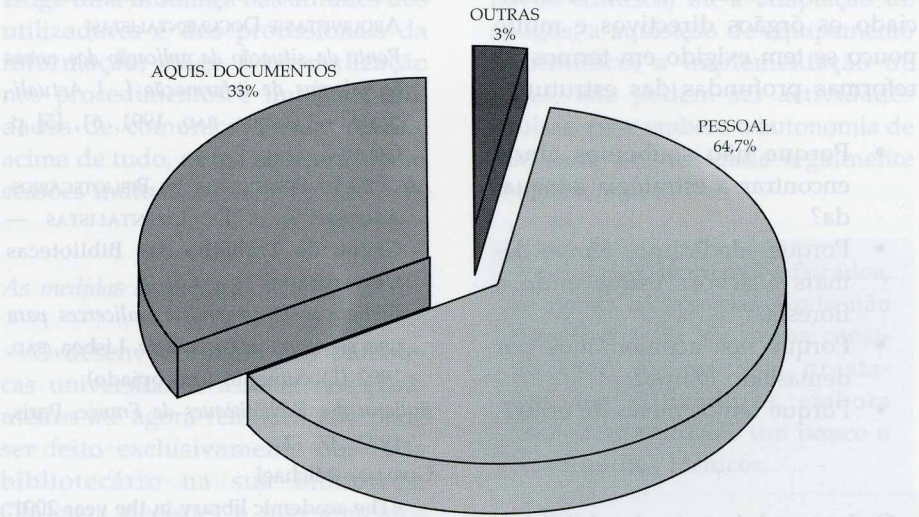
*Les bibliothèques universitaires: rapport au ministre de l'État, ministre de l'Éducation nationale, la Jeunesse et des Sports*, 1989. Paris: [s.n.], 1989.

THOUMIEUX, Roger

«Les bibliothèques universitaires; informatisation et réseau». *Bulletin des Bibliothèques de France*. Paris, 1992, 37, p. 62-67.

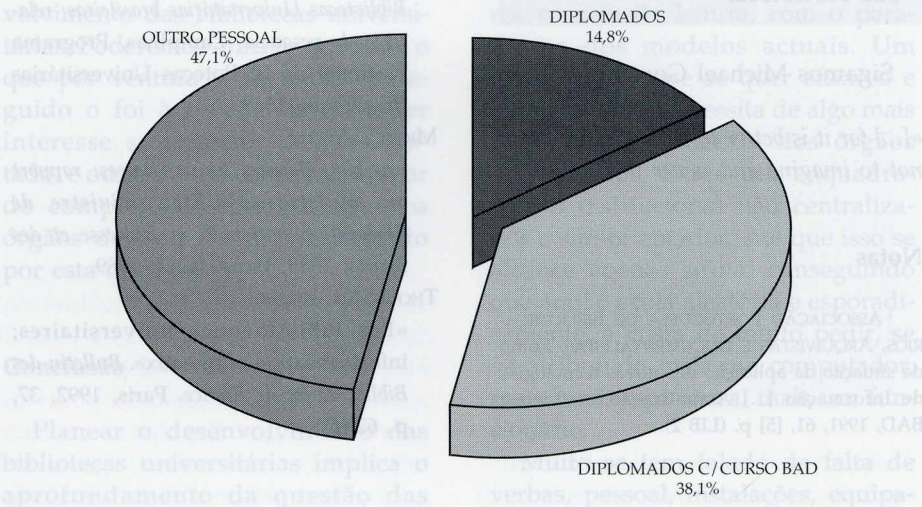
BIBLIOTECAS DO ENSINO SUPERIOR

Despesas Correntes



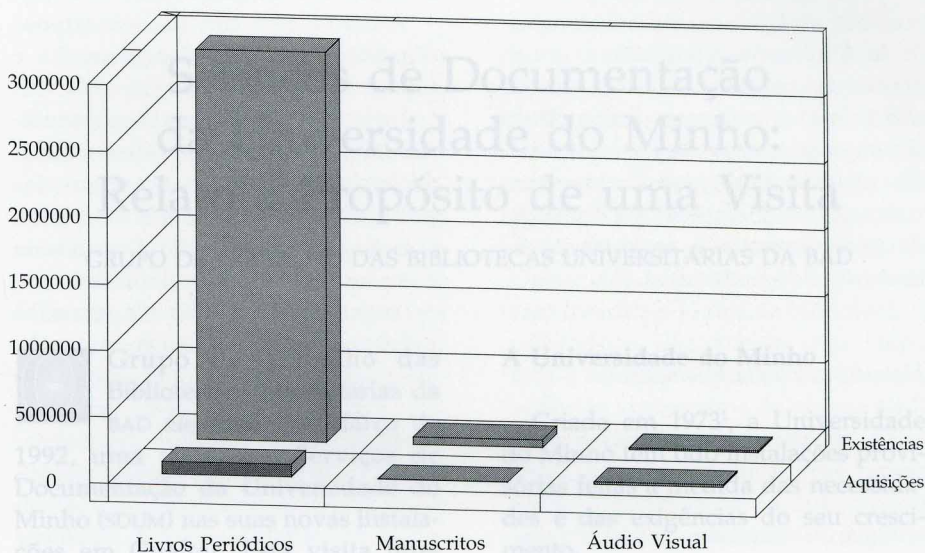
BIBLIOTECAS DO ENSINO SUPERIOR

Pessoal ao Serviço





BIBLIOTECAS DO ENSINO SUPERIOR  
1990



Minho (1990) nas suas novas instalações em Vila Verde. O grupo organizou-se no âmbito das actividades do Grupo e teve como finalidade o conhecimento de uma das mais modernas unidades de biblioteca e documentação universitárias do País, com vista à sua divulgação a todos os Colegas, desiderato que nos propomos atingir com este texto.

Para além das informações retidas, que aqui expomos, ela valeu também pelo caloroso acolhimento que nos dispensou o Dr. Arnúndio Cardoso — Director dos Serviços de Documentação a quem, deste modo, deixamos expresso o nosso reconhecimento.

Tem como unidades orgânicas Escolas e os seus serviços encontram-se divididos em dois pólos, um com sede em Braga (Campus Gualtar), onde funciona a maioria, outro situado em Guimarães — (Campus Azurém), onde funciona a Escola de Engenharia.

Na zona do Campus Gualtar serão progressivamente construídos os edifícios definitivos para diversos sectores. O Serviço de Documentação foi incluído na primeira fase, o que demonstra a importância que lhe é dada a nível da própria Universidade.